

**BRAIT, Beth (Org.). (2001) *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas: Pontes. 199 p.**

*Diana Luz Pessoa de Barros<sup>1</sup>*

O livro *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*, organizado por Beth Brait, reúne trabalhos de diferentes estudiosos da linguagem, quase todos apresentados e discutidos em seminário no programa de pós-graduação em Linguística da Universidade de São Paulo. Dessa forma, os estudos enunciativos são examinados de perspectivas diversas, decorrentes não só de quadros teóricos diferentes no âmbito das teorias do discurso e da enunciação, em que os autores se inserem, mas sobretudo das diferentes relações com o “outro” que nesses artigos se estabelecem. Com Bakhtin, Benveniste, Jakobson, Vygotsky, Authier-Revuz, Ducrot, a Semiótica Discursiva Francesa, a Análise do Discurso, ou mesmo com a Linguística Textual e Halliday, os diálogos são muitos e proveitosos, pois ensinam novas leituras, retrospectivas e revisões dos estudos enunciativos em geral e no Brasil, em particular.

O texto de Beth Brait retoma os trabalhos de Jacqueline Authier-Revuz e as relações que a autora estabeleceu com os estudos de Bakhtin e de Lacan. Brait mostra que Authier-Revuz só pode recorrer a duas teorias do pensamento, que trabalham com concepções diferentes de sujeito, de sentido e de linguagem, por meio do conceito de “outro”, ponto de contato e de diferenciação entre as

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo – USP.

duas teorias. A partir daí, Brait discorre sobre o conceito de “outro” em Bakhtin e Lacan, e, em seguida, retoma os estudos de Authier-Revuz sobre a heterogeneidade e mostra como a autora reconhece as dimensões da ideologia e do inconsciente nos enunciados lingüísticos, e como tais estudos são essenciais para o bom desenvolvimento das pesquisas atuais sobre enunciação.

Carlos Alberto Faraco insiste em que seu trabalho se volta antes para o frescor heurístico do pensamento de Bakhtin, do que para sua herança ou importância histórica e precursora dos estudos do discurso hoje desenvolvidos. O texto mostra, assim, a vitalidade do pensamento de Bakhtin e insere sua obra num eixo de grande temporalidade, ou seja, no das formas de pensar a dispersão, a pluralidade, a heterogeneidade, a polissemia ou a descontinuidade de lingüistas, antropólogos, psicólogos, filósofos, teólogos, no da tradição hermenêutica, em que as ciências têm como ideal a compreensão da significação, e não a explicação, e no da concepção de uma intersubjetividade fundadora.

Eduardo Guimarães trata dos estudos da significação na década de 70 no Brasil e de suas relações com as questões do sujeito. Organiza os estudos da significação em quatro tipos: estudos estruturais, com análises sêmicas; análises semióticas do texto; estudos pragmáticos do enunciado; estudos discursivos. O artigo examina as alianças teóricas e de política científica, dos estudos discursivos e pragmáticos, que se contrapõem aos estudos ditos gramaticais ou sintáticos (estruturalismo e sintaxe gerativa). Para tanto, faz uma análise de três autores: Carlos Vogt, Eni Pulcinelli Orlandi e Haquira Osakabe.

O artigo de Helena Hatsue Nagamine Brandão examina o que a autora chamou de dois deslocamentos ocorridos nos recentes estudos sobre a linguagem, e que envolvem a questão da enunciação: a mudança de uma concepção de língua como representação da realidade para a de língua como atividade de um sujeito; a ruptura entre uma concepção renascentista-cartesiana de língua e sujeito,

homogêneos e transparentes, para uma concepção de língua e sujeito marcados pela heterogeneidade e pela opacidade. No primeiro deslocamento, a autora trata sobretudo dos estudos pragmáticos, com a teoria da ação de Austin, de Lingüística da Enunciação, de Benveniste e, na esteira de Benveniste, dos estudos de Kerbrat-Orecchioni, e mostra a passagem de uma semântica representacional das condições de verdade das sentenças, para uma semântica discursiva ou da atividade de um sujeito falante que se apropria do sistema lingüístico. No segundo deslocamento são incluídos os estudos de Bakhtin, sobre a relação entre o eu e o outro, de Ducrot, sobre a polifonia enunciativa, de Pêcheux e da Análise do Discurso (AD), sobretudo, sobre a questão da alteridade e do interdiscurso, de Authier-Revuz, sobre a heterogeneidade da linguagem. Ingedore Villaça Koch examina a questão da interação pela linguagem, no quadro teórico da Lingüística Textual, de que faz, além disso, uma boa retrospectiva.

O texto de Irene A. Machado apresenta algumas aproximações entre Jakobson e Bakhtin, e as contribuições de Roman Jakobson aos estudos enunciativos. Entre elas, são mencionadas as funções da comunicação, o conceito de linguagem em ação, a concepção de código como o lugar, ao mesmo tempo, da conservação e da mudança, e, finalmente, a noção de estrutura como sistema dinâmico.

José Luiz Fiorin examina as categorias da enunciação, de pessoa, espaço e tempo, na perspectiva teórica da semiótica discursiva de linha francesa. Mostra, em seu artigo, que essas categorias são regidas pelos mesmos princípios, que seu funcionamento discursivo é instável e que essa instabilidade obedece a determinadas coerções. São ainda apontados os efeitos de sentido – de aproximação e de distanciamento da enunciação – que os diferentes usos produzem no discurso, a partir, principalmente, do exame de textos diversos.

O texto de Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva trata da relação entre linguagem e trabalho e, nesse campo, são examinados os estudos enunciativos. A autora utiliza, em primeiro lugar, as concepções de Maingueneau de situação de enunciação, de dêixis dis-

cursiva e de cenografia, e apresenta os resultados de um trabalho de pesquisa sobre jornal de empresa, centrado na noção de cenografia. Mostra em seguida como os estudos das relações entre linguagem e trabalho trazem novas perspectivas para a lingüística e para as teorias da enunciação, em particular.

Orlando Vian Jr. propõe uma possível interlocução, nem sempre aceita, entre Bakhtin e Halliday ou a lingüística sistêmico-funcional, a respeito do conceito de gêneros do discurso. O autor faz uma rápida apresentação das duas perspectivas teóricas em questão e também da concepção de gênero em cada uma delas. A partir daí, apresenta as interlocuções, tendo em vista o sentido social atribuído à linguagem, nas duas perspectivas, ou seja, o fato de que há, em ambas, uma visão inerentemente dialógica e interativa de linguagem. Diferenças existem, mas os lugares de contato também são muitos, com base nesse ponto de partida comum.

Roxane Helena Rodrigues Rojo faz uma apresentação da contribuição dos estudos enunciativos de Bakhtin para a construção de uma perspectiva didática no ensino de línguas. Para tanto, expõe a história da construção dessa perspectiva de ensino de línguas, apontando os vários momentos dos estudos e os diferentes diálogos estabelecidos, com a Lingüística Textual e as Teorias Cognitivas, com Vygotsky e, finalmente, com Bakhtin. Bakhtin levou os pesquisadores da área a uma releitura da noção de interação de Vygotsky, a estudos sobre a organização dos discursos, com a sua Teoria dos Gêneros, e a sua transposição para o ensino-aprendizagem de linguagem.

Sírio Possenti parte das várias discussões pragmáticas, hermenêuticas e de teorias da interpretação sobre as noções de sentido literal e de sentidos implícitos, indiretos e ocultos, para discutir o enunciado “o sentido depende da enunciação”. Sua tese é a de que esse enunciado só faz sentido se a enunciação for concebida como um acontecimento histórico e social e regrado, e não como um ato individual ou intencional. O artigo faz, a partir daí, uma proposta

de leitura ou de releitura de Benveniste, para concluir, ao contrário do que em geral é dito, que, para o autor, o sujeito não tem nada a ver com o sentido, que depende da organização da língua e não da enunciação. Possenti critica, em seguida, a concepção de enunciação de Benveniste, compara essa concepção com o conceito de enunciação da Análise do Discurso (AD), e mostra que no âmbito da Análise do Discurso é possível dizer que o sentido depende da enunciação. Para terminar, afirma que a concepção de enunciação da Análise do Discurso é mais compatível com a de Bakhtin do que com a de Benveniste, mesmo após a revisão que faz dos estudos do último autor.

Pode-se perceber, com os trabalhos reunidos neste livro, a enorme vitalidade e variedade dos estudos enunciativos. São diálogos diversos que se estabelecem e perspectivas futuras diferentes que se deixam entrever. O livro traz, portanto, contribuição certa para os estudos lingüísticos e discursivos, ao mapear os estudos enunciativos, com retrospectivas e apresentações claras de diferentes teorias e autores, e ao renová-los com reflexões originais e análises criativas da enunciação nos discursos.